

- 17º Congresso do Partido Comunista delinea futuro cenário político na China
- Brasil adota nova estratégia para vender calçados na China
- Diversificação da pauta exportadora para China deve ser meta para o Brasil
- Arthur Kroeber analisa inflação chinesa

## Governo chinês

Congresso do Partido Comunista reforça, mas não consolida poder do Presidente Hu Jintao

O 17º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês terminou sem grandes surpresas. O novo quadro do Comitê Permanente do Politburo (PSC, na sigla em inglês), decisão mais esperada do Congresso, confirmou as indicações feitas secretamente ao final da 7ª Plenária do 16º Comitê Central do Partido, que reitera em suas posições Hu Jintao, Wen Jiabao e Wu Bangguo.

Os principais nomes da nova composição do PSC são Xi Jinping, filho de figura histórica da Revolução Chinesa e chefe do Partido em Xangai, e Li Keqiang, homólogo de Xi na província de Liaoning e membro da Liga da Juventude Comunista Chinesa, base aliada de Hu. Demais nomes incluem He Guoqiang e Zhou Yongkang.

As análises feitas com base nos nomes indicados mudaram significativamente no intervalo de pouco mais de uma semana. Quando do vazamento dos nomes, no dia 14 de outubro, a maioria das análises indicava uma derrota política do presidente Hu. As análises recentes interpretam, inversamente, vitória considerável do presidente, aumentando ligeiramente seu poder no interior do Partido e sua capacidade de condução da política do país.

Essa discrepância entre interpretações se deve, prioritariamente, ao sucesso de Hu na eliminação do vice-presidente Zeng Qinghong do PSC. Zeng era aliado-chave de Jiang Zemin, antecessor e rival de Hu. Não menos notável é a elevação de Li Keqiang, importante aliado de Hu e de Xi Jinping ao PSC. Xi, apesar de ser associado à Jiang, é um líder que tem se destacado por sua administração competente e se confirmado como uma figura de compromisso e potencial mediador entre os interesses e abordagens das duas facções rivais dentro do Partido. Nesse sentido, são dignos de nota o conteúdo e o tom dos discursos de Xi durante o Congresso, estreitamente consoantes com o discurso de Hu.

Analistas discordam ainda quanto à transferência pacífica de poder quando da sucessão de Hu. Alguns indicam para uma sessão concertada, na qual Xi assumirá a presidência e Li o cargo de premiê. Outros, no entanto, apontam para a possibilidade de uma acirrada disputa pela presidência e liderança do Partido entre os dois.

O Congresso trouxe também algumas modificações favoráveis a Hu na configuração da Comissão Militar Central e no Secretariado do Partido, órgãos de extrema importância na condução da relação do Partido com as Forças Armadas e nos negócios diários do Partido, respectivamente.

Apesar do desfecho positivo para Hu, a consolidação de seu poder ficou aquém do previsto. Ao contrário, é possível apontar, como tem feito Arthur Kroeber, diretor da Dragonomics, para menor concentração do poder decisório no interior do Partido. As repetidas referências de Hu a uma maior democracia intra-partidária parecem ser, nesse sentido, indicadores do reconhecimento de tendência a uma “liderança coletiva” – um arranjo de poderes no qual devem prevalecer a concertação e a barganha. Sob essa luz, Xi parece ainda mais promissor como elemento nuclear do novo modelo.

### Desenvolvimento científico

Outra importante vitória de Hu foi a inclusão de sua doutrina política de “desenvolvimento científico” na Constituição do Partido Comunista. A emenda indica um esforço continuado de guinar a economia chinesa na direção de um modelo menos agressivo e irresponsável de crescimento econômico em favor de maior zelo pelo meio ambiente e redução ou amenização das disparidades sociais entre regiões e classes. Essas são as principais temáticas observadas na retórica do governo chinês.

A forma de operacionalização dessas metas grandiosas não fica clara desde já, mas deve começar a emergir rapidamente se o objetivo de Hu Jintao for colher seus frutos ainda no atual mandato. Não se podem esperar, no entanto, medidas contundentes e ágeis de efeitos imediatos. A inclusão do lema do desenvolvimento científico na Constituição, de fato, pode ser a tentativa de deixar uma marca indelével e garantir a continuidade do projeto de sustentabilidade após deixar a liderança do país em 2012.

A conscientização ambiental pode abrir, no longo prazo, uma gama de oportunidades para países como o Brasil nas áreas de fontes alternativas de energia, tecnologias verdes e exploração sustentável da biodiversidade. A possível inserção das camadas mais pobres no mercado consumidor, por outro lado, teria impacto positivo sobre os países produtores de alimentos e exportadores de *commodities* agrícolas de modo geral.

### Calçados

#### Pró-atividade e mercado de luxo chinês: nova estratégia de fabricantes brasileiros de calçados

Apontada como inimiga da indústria calçadista brasileira, a China deixou de ser apenas desafio ao setor para tornar-se também alternativa à tendência de redução da participação de calçados brasileiros no mercado internacional. Em busca das oportunidades oferecidas pelo mercado chinês de calçados de luxo em expansão, produtores brasileiros realizaram a primeira missão empresarial do setor ao país em setembro. A decisão marca mudança significativa de estratégia contra a concorrência da China no setor, substituindo a postura defensiva anterior por outra mais pró-ativa.

Em razão, sobretudo, do adiamento da implementação de medidas necessárias à redução do “custo Brasil” – como reformas tributária, trabalhista e estímulo ao investimento em infra-estrutura –, produtos brasileiros têm perdido espaço não só no âmbito doméstico, como principalmente em terceiros mercados onde tradicionalmente detinham maior participação. As importações argentinas de calçados fabricados no Brasil, por exemplo, registraram queda de 16 pontos percentuais (p.p.) de 2004 a 2006, enquanto a participação da China no mercado argentino aumentou cerca de 10 p.p. no mesmo período, conforme dados da consultoria argentina *Investigaciones Económicas Sectoriales* (IES).

Gráfico 1

Participação (%) no mercado argentino de calçados – por país



Um dos maiores desafios oferecidos pela China ao setor calçadista brasileiro é a perda de terceiros mercados, onde a adoção de medidas protecionistas, como o aumento de tarifas, não surte qualquer efeito, além de não solucionar a baixa competitividade brasileira, resultado da não implementação das reformas estruturais necessárias.

É nesse sentido, portanto, que a missão organizada pela Associação Brasileira das Indústrias Calçadistas (ABICalçados) denota mudança de paradigma no setor. “É preciso parar de reclamar que o índice de desemprego no Brasil cresceu em razão dos baixos preços de produtos chineses. Devemos substituir passividade pela exploração agressiva de nichos de mercado”, afirmou Ênio Klein, consultor sênior da ABICalçados. Embora o Brasil já exporte o produto para a China, os consumidores chineses ainda representam parcela pouco significativa das vendas para o exterior. No primeiro semestre de 2007, a receita proveniente das vendas de calçados para o país não ultrapassou US\$ 950 mil, valor equivalente a 0,2% das exportações brasileiras para os Estados Unidos, maior comprador.

A missão, que visitou as cidades de Hong Kong, Guangzhou, Pequim, Chengdu e Xangai, teve como alvo consumidores chineses de artigos de luxo – mercado que, segundo estatísticas do governo chinês, movimentou no primeiro semestre de 2007 cerca de US\$ 4,85 bilhões, 27,6% a mais que no mesmo período do ano anterior. O crescimento das camadas mais abastadas da sociedade tem estimulado investimentos em produtos sofisticados para o consumo e, é essa a grande aposta dos calçadistas brasileiros.

O preço médio de venda do calçado brasileiro previsto para o mercado chinês é de aproximadamente US\$ 150, justificados principalmente pela fabricação artesanal e pelo uso de materiais de alta qualidade. Os modelos exportados serão os mesmos já fabricados no Brasil, porém, aos poucos deverão ser adaptados à preferência local. Estados Unidos, Itália e Espanha serão os principais concorrentes a serem enfrentados pelos brasileiros na China. Outros mercados asiáticos, como Indonésia, Filipinas e Taiwan, também fazem parte da ofensiva calçadista.

A missão, composta substancialmente por empresários de pequeno e médio porte, busca o estabelecimento de novos contratos de exportação e descarta a possibilidade de deslocamento de plantas produtivas para a China, movimento observado entre grandes produtores do setor desde a década de 90.

Estratégias setoriais e missões empresariais como estas são fundamentais para assegurar a participação de produtos brasileiros na pauta de importações de seus parceiros comerciais e, principalmente, para conquistar nichos em um dos maiores mercados do mundo em potencial de crescimento.

É claro que o Brasil ainda precisa enfrentar seus maiores desafios que impactam diretamente na competitividade dos produtos brasileiros. No entanto, a missão organizada pela ABICalçados, de caráter pró-ativo e inovador para o setor, pode ser vista não somente como forma de impulsionar as vendas, mas também como reconhecimento de que a coordenação de interesses do empresariado brasileiro pode surtir efeitos positivos para a indústria nacional. A China poderá passar de competidor à importante comprador de calçados brasileiros de alto luxo.

#### Comércio Bilateral

### Brasil optou por exportar somente *commodities* para a China

O voraz crescimento da demanda por matérias-primas levou a China a estreitar laços comerciais com o Brasil, reconhecendo-o como parceiro estratégico. Como efeito, as relações comerciais sino-brasileiras registraram rapidamente enorme crescimento a partir de 2001, quando a China já ocupava posição de destaque no cenário internacional. O Brasil, no entanto, tem apenas reagido às iniciativas chinesas e exporta cada vez mais *commodities* para aquele país.

O aumento explosivo das exportações à China decorreu, largamente, do crescimento igualmente significativo da demanda chinesa por matérias-primas, particularmente impulsionado pelos setores energético, metalúrgico, de infra-estrutura e alimentício daquele país. Contrariamente a outros mercados mais tradicionais para o Brasil, nos quais os esforços governamentais e privados de promoção comercial desempenham um papel central para o acesso de produtos nacionais, sobretudo industrializados, o

Brasil mais reagiu à demanda chinesa por *commodities* do que se posicionou ativamente para exportar manufaturas.

Em 2001, quando a China voltou-se ao Brasil em busca de novo fornecedor de matérias-primas necessárias à manutenção de seu crescimento econômico, o comércio sino-brasileiro ganhou impulso. Após seqüência de déficits, o Brasil registrou ainda em 2001 o primeiro superávit comercial anual com o país, resultado que se repetiu até 2006. Nesse mesmo ano, a corrente de comércio entre os dois países ultrapassou a marca dos US\$ 16 bilhões, elevando a China à posição de terceiro maior parceiro comercial brasileiro atrás apenas de Estados Unidos e Argentina.

Para 2007, a previsão é de que o comércio entre os dois países ultrapasse US\$ 20 bilhões. A China tornou-se o segundo maior fornecedor para o Brasil e está cada vez mais próxima de se tornar o segundo maior parceiro comercial brasileiro. No entanto, esse enorme crescimento da corrente de comércio bilateral registrado entre 2001 e 2007 foi motivado pela reação brasileira à demanda chinesa. Ainda percebe-se pouca ação por parte do setor privado brasileiro para explorar novos mercados na China e diversificar a pauta exportadora para aquele país.

De janeiro a agosto de 2006, o Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior (MDIC) registrou 1.773 empresas brasileiras com exportações para a China, enquanto no mesmo período de 2007 foram registradas 1.777, crescimento de somente 4 empresas (0,2%). Ao contrário, o número de empresas brasileiras que importaram produtos da China cresceu no mesmo período 37,3%, passando de 7.368 para 10.119. O reduzido número de empresas que exportam para a China, assim como seu insignificante crescimento, evidencia a postura reativa à demanda chinesa e a necessidade de incentivar o setor privado brasileiro a conhecer as oportunidades oferecidas pelo mercado chinês.

Em razão desse caráter reativo, verifica-se que a pauta de exportações brasileiras para o mercado chinês é muito distinta do padrão brasileiro de exportação. Apesar das exportações brasileiras globais terem maior presença relativa de manufaturados e semimanufaturados, para a China observa-se concentração atípica em matérias-primas.

Os três produtos com maior participação na pauta de exportações à China (complexo soja, petróleo e minério de ferro) foram responsáveis por aproximadamente 75% do total exportado em 2006, equivalente a um aumento da concentração da pauta de 9% em comparação ao ano anterior. No terceiro trimestre de 2007, a pauta brasileira de exportação para a China manteve tendência de concentração em produtos de menor valor agregado. Produtos básicos representaram 79% das vendas brasileiras para o país e registraram aumento de 17,7% em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Para o setor privado brasileiro melhor aproveitar as oportunidades oferecidas pela ascensão da China, é necessário identificar nichos de mercado para produtos brasileiros que possam ser exportados com competitividade para aquele mercado. Existe, também, grande complementaridade entre as duas economias, e esta deve ser melhor explorada. É preciso lembrar que a China não é unicamente demandante de *commodities*. Ao contrário, com importações que já superaram US\$ 700 bilhões de dólares ao ano em 2006, a China apresenta uma enorme demanda de bens manufaturados. Em 2007, máquinas industriais continuam registrando maior participação nas importações da China, enquanto as *commodities* e semimanufaturados representam menos de 33% do total importado pela China.

O Brasil possui participação reduzida no mercado chinês, representando cerca de 1,3% do total das importações chinesas. No entanto, existem inúmeras oportunidades inexploradas pelas empresas brasileiras na China, seja em novos nichos de mercados que crescem em razão da formação da classe média consumidora chinesa, seja em substituição a tradicionais fornecedores ao país asiático.

A diversificação da pauta exportadora para a China deve ser meta para o Brasil. É necessário entender o mercado chinês e fazer com que este conheça a qualidade e diversidade dos manufaturados brasileiros. Para tanto, o setor privado precisará investir em trabalhos de inteligência comercial focados na análise de oportunidades comerciais e no desenvolvimento de um plano estratégico de acesso a mercados na China.

## ABC da Inflação chinesa (I)

Artur Kroeber<sup>1</sup>

A inflação é um risco que se aproxima de toda economia com rápido crescimento. Com o crescimento do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) chinês, que passou de 2,2% em janeiro para 6,5% em agosto, parece que esse risco finalmente se materializou e que a alegria de cinco anos de crescimento de dois dígitos do PIB e nenhuma inflação finalmente acabou. Ou será que não?

### O quê, preocupado eu?

Abstivemo-nos de comentar sobre essa importante questão por um tempo, pois desbravar os fatores que influenciam a inflação chinesa e as implicações políticas provou ser uma questão complexa. Nesse meio tempo, duas principais escolas de pensamento surgiram. A escola “O quê, preocupado eu?” inclui a visão do governo oficial chinês mais a maioria dos observadores com os quais discutimos regularmente em Pequim. Essa escola defende que a alta do IPC é concentrada em poucos itens alimentícios e não demonstra sinal de se espalhar a outras categorias de bens. A inflação do IPC, contudo, resulta mais desvio da oferta (*supply-side*) do que de um aumento na demanda agregada e, portanto, tende a ser temporária. Com a exceção dos oficiais do governo, as demais pessoas dessa escola realmente se preocupam com rápidos crescimentos dos preços de ativos, especificamente propriedades imobiliárias e ativos financeiros.

A escola “O fim está próximo”, representada principalmente pela Goldman Sachs e com muitos partidários entre austríacos e monetaristas estrangeiros, crê que o crescimento monetário está fora de controle pregando, dentre outras coisas, a fuga do mercado de ações e que a alta do IPC irá inevitavelmente se espalhar para outros bens além dos alimentos. Um argumento algumas vezes disseminado por esse grupo é que o dado do IPC oficial tende a abrandar o verdadeiro nível de inflação, devido à extrema sensibilidade política desse número.

Estamos praticamente alinhados à escola “O quê, preocupado eu?”, com algumas importantes ressalvas. Por acreditarmos que a questão da inflação é tão importante quanto complexa, dividiremos nossa discussão em quatro partes manejáveis. Apresentamos uma lista com nossas idéias principais sobre inflação. Encorajamos os leitores a retornarem a essa lista para conferir quando os números do IPC mensal forem divulgados.

Em breve forneceremos um relatório completo e detalhado dos fatos da atual tendência da alta do IPC e do crescimento dos preços dos bens. Duas notas subseqüentes tentarão: a) explicar e prever a política do governo em resposta a esses fatos; e b) elucidar as causas de longo prazo da inflação chinesa, as quais acreditamos estarem intimamente ligadas às tendências de salários e produtividade.

Então, para começar, segue nosso “ABC” sobre como se deve pensar a inflação chinesa.

#### 1. A manchete “alta do IPC” não é a maior preocupação.

Atualmente a alta do IPC é restrita a um punhado de produtos alimentícios; de fato é mais limitada do que o último surto de inflação causado pelos alimentos (em meados de 2004) que provou ser temporário. Em 2004, preços de grãos guiaram o caminho, mas carne, ovos e óleos comestíveis também contribuíram substancialmente. Nessa época, a carne era de longe o maior contribuidor – devido a complicações na rede de fornecimento de carne de porco que será melhor explorado em outro tópico – e a inflação do preço dos grãos era dificilmente visível.

#### 2. Contudo, o atual pico inflacionário durará mais do que o último.

Isto porque o fator inflacionário chave – deslocamento na cadeia de fornecimento de carne de porco – é menos manejável e de maior duração do que os problemas de fornecimento de grãos que geraram inflação em 2004. Outro problema é que o

<sup>1</sup> Arthur Kroeber é editor-chefe da *China Economic Quarterly* e diretor da *Dragonomics Research*.

governo não deseja se valer da solução mais óbvia, que é o aumento das importações de carne de porco.

3. O governo fará muito barulho sobre a inflação por razões políticas. A realidade da inflação pode não ser severa, mas o impacto psicológico do crescimento dos preços de bens cujo impacto é muito visível, ou seja, bens que as pessoas compram todos os dias – como carne de porco e óleo comestível – é significativo. Para pôr fim à inquietação urbana, o governo iniciou e provavelmente dará continuidade ao ritmo de pronunciamentos indicando sua determinação em frear a inflação. Essas medidas serão amplamente simbólicas, o que é bom, desde que a ameaça de inflação real seja baixa.

4. A tendência mais importante não é o IPC por si só, mas o fato de que a alta do IPC se descolou efetivamente do aumento do preço ao produtor.

O motivo-chave para a inflação ter sido tão baixa na última década foi a produtividade ter crescido mais rápido que os salários. Isso significava que os produtores podiam absorver maiores custos de produção, sem repassá-los ao consumidor, pois seus custos marginais com a mão-de-obra estavam caindo. Um sintoma dessa relação era o fato de que entre 2000 e 2006 o Índice de Preços ao Produtor (IPP) quase sempre cresceu mais rápido que o IPC. Nos últimos meses, o IPC cresceu mais rápido que o IPP e acreditamos que isso seja uma tendência permanente. Em outras palavras, atualmente os salários aumentam aproximadamente no mesmo ritmo do crescimento da produtividade.

5. Isso significa que a China está mudando sua marcha inflacionária e que a inflação registrada pelo IPC base (*underlying CPI inflation*) nos próximos 5 anos provavelmente estará na faixa de 3 a 5%.

Entre 2000 e 2006, a inflação registrada pelo IPC base estava na faixa de 0 a 2%. Esses dias acabaram. Pelos próximos 5 anos, esperamos uma base inflacionária entre 3 e 5%, refletindo as mudanças na relação entre salários e produtividade mencionados acima. Ter a inflação registrada pelo IPC base modestamente elevada não é motivo algum para preocupação: não apresenta nenhum risco em particular e, de fato, deve ajudar a corrigir os desequilíbrios na balança de pagamento chinesa, ao contribuir para apreciação da taxa real de câmbio. Nossa análise do mercado de trabalho sugere que essa mudança na relação entre salários e produtividade se deve provavelmente mais ao modesto declínio no crescimento da produtividade do que à aceleração do aumento salarial provocada pelo estreitamento do mercado de trabalho. Nos próximos 15 anos, o mercado de trabalho irá indubitavelmente se estreitar, mas não há evidência de “escassez de mão-de-obra”, como proclamada por muitos alarmistas.

6. O principal risco, dessa forma, é um erro de política governamental durante a passagem de marcha inflacionária.

Se estivermos corretos ao afirmar que a China está passando da primeira para a segunda marcha inflacionária, então o maior risco é que, durante esse período de transição, o governo cometa um erro crasso de política monetária. O governo poderia se apavorar por conta de um pico inflacionário temporário e responder com arrocho monetário excessivo, causando uma contração na economia real e subsequente estresse no sistema bancário. Ou, mais provavelmente, poderia presumir que a inflação de 0 a 2% ainda é o estado natural e afrouxar demais a política monetária como em 2003.

Esses riscos são reais, mas também não os consideramos tão prováveis. O caráter da formulação política chinesa é cauteloso e gradual. Isso ocasionalmente significa que a resposta a uma tempestade iminente pode ser lenta, mas também significa que o risco de uma política exagerada é baixo. Além do mais, acreditamos que os fundamentos da política chinesa favorecem gradual e modesta contração monetária nos próximos anos (por meio de uma combinação de aumento de taxas de juros e de depósitos), acompanhadas por uma compensação gradual e modesta por meio do relaxamento fiscal. Essas medidas combinadas, se bem executadas, deverão manter a inflação sob controle enquanto, ao mesmo tempo, encorajará uma consolidação muito necessária da indústria ao aumentar os custos de capital, expulsando, dessa forma, os produtores menores e menos eficientes.

7. Esqueça o IPC preocupe-se com os preços dos ativos.

Em uma economia como a chinesa, com mão-de-obra abundante e crescimento de

produtividade muito alto, a inflação do IPC não é uma grande preocupação e as pessoas deveriam parar de se obcecar por isso. As conseqüências mais naturais são: um grande saldo comercial, grande fluxo de investimento estrangeiro e a acumulação de ativos financeiros que podem causar bolhas prejudiciais nos preços de ativos.

É precisamente isso que observamos se desenvolver hoje na China. Todos sabem sobre o mercado de ações (no qual a relação de preço/lucro de ativos financeiros está acima de 60), mas a propriedade imobiliária é também uma preocupação. Os aumentos de preços das propriedades imobiliárias têm acelerado constantemente em diversas grandes cidades nos últimos três anos e aumentos anuais agora estão por volta de 10%. O pico do segundo trimestre nos preços das transações imobiliárias – que registrou crescimento anual de 13,5% – foi maior do que o dobro do pico da inflação registrada pelo IPC e anunciou um crescimento de dois dígitos nos preços das propriedades para o ano que vem.

A primeira coisa a ser lembrada é que o crescimento dos preços dos ativos opera independentemente da alta do IPC. Os preços dos ativos são uma função de liquidez absoluta – a quantia total de dinheiro no sistema e a capacidade das pessoas para trocar de um ativo financeiro (depósitos bancários) para outro (ações ou propriedades imobiliárias). Já a alta do IPC é uma função da liquidez marginal – ou seja, o crescimento da oferta monetária acima do nível exigido para acomodar o crescimento do PIB. Na China, a oferta de moeda relacionada à inflação (M2) cresce apenas um pouco mais rápido que o PIB nominal, o que significa que a inflação registrada pelo IPC será provavelmente neutralizada. Contudo, há aproximadamente US\$ 5 trilhões parados em contas bancárias, prontos para serem trocados por ativos de mais alto retorno. Essa disponibilidade de fundos significa que os preços de ativos podem subir de forma acentuada independentemente do que aconteça com o IPC.<sup>2</sup>

Tratando diretamente de finanças, nos preocupamos um pouco mais com o mercado de ações. Preços imobiliários estão crescendo principalmente devido à forte demanda por habitação, graças ao crescimento da população urbana e ao crescimento contínuo do espaço ocupado *per-capita*. O montante alavancado no sistema não é tão grande a ponto de uma queda nos preços ter um impacto profundo no sistema bancário. Pelo contrário, preços no mercado de ações não têm qualquer fundamento real e há muita alavancagem por trás de muitas apostas no mercado de ações.

O governo está mais disposto, contudo, a adotar uma linha dura com o mercado imobiliário do que com o mercado de ações. Tal como com o IPC, o rápido crescimento dos preços das propriedades tem severo impacto psicológico negativo na população urbana. À medida que os preços das propriedades crescem, esperamos mais intervenções do governo para tentar manipular os preços para baixo. O mercado de ações ainda possui pouca participação relativa de varejo e é dominado por indivíduos bem relacionados, empresas estatais e agências governamentais. Provocar queda no mercado imobiliário pode ser vendido como boa política; provocar queda no mercado de ações não alcança qualquer benefício social óbvio e se opõe aos interesses de muitos agentes poderosos. Preços das ações em Xangai crescerão muito mais antes de voltarem ao chão.

*© Dragonomics Research & Advisory. Esta análise foi preparada a partir de fontes de dados que nós acreditamos serem confiáveis, mas nós não fazemos nenhuma representação de sua precisão ou integridade. Esta análise é publicada apenas para a informação dos clientes da Dragonomics Research & Advisory e não é uma oferta de venda ou compra, nem uma solicitação de oferta para a oferta de compra ou venda de um derivativo. Esta análise não deve ser interpretada como a provisão de investimentos para nenhum estado, país, ou jurisdição nas quais esses serviços sejam ilegais. As opiniões e estimativas expressadas nessa análise constituem nossa julgamento dos dados que nos foram apresentados e são sujeitos à mudança sem notificação prévia.*

*Reprodução autorizada de artigo do Dragonomics Research & Advisory ([www.dragonomics.net](http://www.dragonomics.net)) publicado em 24.09.2007. O conteúdo não reflete necessariamente a posição do CEBC nem de seus associados. Os editores da Carta da China traduzem os artigos publicados no convênio CEBC-Dragonomics Research & Advisory sem alteração ao conteúdo original.*

<sup>2</sup> *Estamos cientes do argumento "M3" – pelo qual é proposto que se deve acrescentar o crescimento da capitalização do mercado de ações ao M2 para conseguir uma visão precisa da oferta monetária – e rejeitamos sua aplicabilidade à inflação registrada pelo IPC. O IPC é determinado pelo montante de dinheiro gasto, não por ganhos fictícios no mercado de ações. Para que esses ganhos afetem o IPC, eles devem primeiramente ser convertidos em dinheiro, ou pela venda de ações ou por meio de empréstimo colateral de ações. Em ambos os casos, esse dinheiro será refletido em M2 antes de ser gasto. Dado que o IPC chinês tende a seguir o M2 com um intervalo de 12 meses, há tempo suficiente para reconhecer a inflação incipiente seguindo o crescimento de M2 ou dos empréstimos. Acrescentar o M3 ao cálculo não adiciona nada e, de fato, confunde a questão ao introduzir umnexo causal falso entre preços de ativos e inflação.*

## Aviação I

## Embraer entrega seu milésimo jato ERJ 145 à chinesa Grand China Express

No mês de setembro, a *joint venture* Harbin Embraer Aircraft, firmada entre a brasileira Embraer e a chinesa AVIC II, entregou o primeiro jato ERJ 145 à Grand China Express, empresa aérea controlada pelo Grupo Hainan Airlines, que encomendou 50 jatos ERJ 145 e 50 jatos EMBRAER 190 em agosto de 2006. O jato, produzido pela *joint venture* na China, é o milésimo jato da família ERJ 145.

## Comércio internacional

## China se torna maior exportador do mundo

A China ultrapassou a Alemanha em volume de exportações, se tornando o maior país exportador do mundo. A China exportou aproximadamente US\$ 111,4 bilhões no mês de agosto, contra aproximadamente US\$ 105 bilhões da Alemanha. Os crescentes superávits chineses com Estados Unidos e Europa têm alimentado reclamações mais enfáticas contra a desvalorização artificial do yuan. Apesar desse avanço chinês em agosto, tal resultado não deve se manter para os meses seguintes. Contudo, essa conquista da China indica que esse cenário pode ser revertido ainda em 2008.

A pujança das exportações chinesas tem ganhado mercado nesses países sobre outros parceiros comerciais menos competitivos. Esse é o caso do Brasil, que continua a perder terceiros mercados para o gigante asiático.

## Controle de qualidade

## Governo chinês cancela licenças para produtos de baixa qualidade

Motivado pela onda de ataques a qualidade dos produtos chineses, o governo cancelou mais de 600 licenças para produção na China, em setembro. No entanto, somente 20 licenças foram suspensas por não atender aos padrões mínimos de qualidade. As demais licenças foram canceladas por tratar-se de empresas que tiveram falência decretada, que cessaram produção, se mudaram ou sofreram reestruturações.

A medida, que na prática atingiu somente 20 empresas chinesas que produziam em níveis de qualidade não aceitáveis, demonstra pouco interesse ou capacidade do governo chinês para resolver o problema.

## Comércio Internacional

## Zodiac Maritime Agencies emprestará navios à empresa chinesa para transportar minério de ferro do Brasil

A empresa inglesa Zodiac Maritime Agencies emprestará três navios a Wuhan Iron & Steel Group, maior fabricante de aço e ferro chinês, durante 10 a 14 anos, para transportar minério de ferro brasileiro à China. A previsão é de que sejam transportadas anualmente cerca de 3 milhões de toneladas métricas de minério.

Os custos para transportar uma tonelada de ferro do Espírito Santo, no Brasil, até os portos da costa leste da China dobraram em 2007 e alcançaram US\$72,4 - valor quase equivalente ao preço pago à Companhia Vale do Rio Doce pelo produto, de US\$73,2 por tonelada.

A parceria com a empresa inglesa reflete a necessidade dos fabricantes chineses de ferro e aço de reduzir os custos do transporte de minério de ferro. O aumento da demanda chinesa por aço elevou globalmente os preços de minério de ferro, principalmente na Índia – país fornecedor que se beneficia da proximidade com a China e que passou a vender o produto por quase o dobro do preço brasileiro. O interesse da China pelo minério de ferro brasileiro tem aumentado consideravelmente e a redução do custo de seu transporte é crucial para que o país encare o Brasil como fornecedor mais vantajoso.

Leia mais na  
Carta da China 29

Leia mais na  
Carta da China 31

## Importações

### Governo chinês incentiva importações de eletrônicos

A tarifa sobre importação de produtos eletrônicos na China foi reduzida em 4 p.p., para 13%, em outubro de 2007. Trata-se de mais uma medida para tentar reduzir o superávit chinês e aliviar tensão com parceiros comerciais do país. Em 2006, o volume de importação de eletrônicos cresceu 80%, passando para US\$ 30,79 milhões. A medida vale para produtos de áudio, vídeo e eletrônicos em geral.

## Mercado imobiliário

### Governo adota nova medida de combate à especulação imobiliária

O governo chinês elevou a taxa de juros para empréstimos hipotecários, bem como o valor mínimo de sinal para financiamentos de imóveis residenciais e comerciais em setembro. A medida visa arrefecer a especulação imobiliária e atenuar o impacto dos custos de moradia sobre a renda de cidadãos chineses que, de forma geral, não cresce no mesmo ritmo do aumento dos preços dos imóveis nos grandes centros urbanos do país. Diante desse quadro, a população chinesa de baixa renda, em sua maioria migrante da zona rural, é forçada a buscar soluções clandestinas, como acampamentos praianos ou "inquilinos coletivos".

## Meio Ambiente

### Devastação causada por Três Gargantas causa alerta

A represa Três Gargantas foi reconhecida pela China como possível responsável por uma catástrofe ambiental, ao provocar deslizamentos de terra (devido à erosão provocada nas margens do rio Yang-tsé) e contaminação. Considerado o maior projeto hidrelétrico do mundo, a represa poderá causar danos em um raio de 600 quilômetros e, conseqüentemente, será responsável pela retirada de cerca de 4 milhões de pessoas nas proximidades nos próximos 10 a 15 anos. Para sua construção, o governo inundou 116 cidades e promoveu a realocação de 1,4 milhão de pessoas. O projeto, iniciado em 1993, será finalizado em 2008 e seu custo total foi de US\$ 25 bilhões.

## Automóveis I

### Montadoras estrangeiras aumentam vendas na China

Após anos de sucessivas perdas na China, as montadoras de automóveis estrangeiras começam a registrar gigantescos lucros em razão da expansão do consumo de automóveis no mercado doméstico chinês. A Volkswagen obteve lucro líquido global de 947 milhões de euros no terceiro trimestre deste ano, um volume 4.017% superior ao de 23 milhões de euros apurado em igual período de 2006. De acordo com a montadora alemã, a forte demanda por carros, particularmente na China, contribuiu para esse aumento global do setor.

A China já importou cerca de US\$ 3,5 bilhões em veículos e autopeças e maquinaria produzidos nos Estados Unidos. Em 2006, vendas da *joint venture* Shanghai General Motors (firmada entre a companhia chinesa Shanghai Automotive Industry Group e a norte-americana General Motors) na China foram de 876.747 unidades, recorde de sua história no país e 31,8% superior ao volume registrado em 2005. A General Motors firmou novo acordo de exportação de autopeças e veículos à China em setembro, estimado em US\$ 800 milhões, com a própria Shanghai General Motors. Trata-se do segundo acordo de exportação de veículos firmado pela GM no país.

Concomitantemente, a Ford anunciou o início da produção em sua nova unidade na China, localizada em Nanjing. A fábrica, a segunda unidade de automóveis da empresa no país, recebeu investimento total de US\$ 510 milhões e produzirá veículos Mazda e Ford (a unidade pertence à *joint venture* Changan Ford Mazda Automobile – CFMA). A capacidade inicial da unidade é de 160 mil veículos ao ano.

## Investimento

### Empresa chinesa compra aeroporto na Europa

Para intensificar ainda mais seu comércio com a Europa, a empresa chinesa Link

Leia mais na  
Carta da China 30

Global Logistics decidiu implantar aeroporto próprio no continente. A empresa adquiriu em maio de 2007 um antigo aeroporto na Alemanha, o Schwerin-Parchim, com o intuito de iniciar atividades que vão além de desembarque de mercadorias. A empresa chinesa pretende construir um pólo para montagem de produtos no aeroporto e o investimento total é estimado em US\$ 143 milhões. O aeroporto, que passou a ser chamado de "Aeroporto Báltico" para facilitar a pronúncia em chinês, iniciou suas operações em setembro. Estratégias como essa contribuem para incentivar as compras européias de seu maior parceiro comercial.

#### Alimentos

##### China proíbe importação de aves canadenses

O Ministério da Agricultura (MA) e a Administração Geral de Supervisão de Qualidade, Inspeção e Quarentena (GAOSIQ) da China decidiram banir a importação de aves e produtos derivados oriundos do Canadá após o dia 23 de setembro. Todas as cargas recebidas após essa data deveriam ser devolvidas ou destruídas. A medida foi tomada para evitar o vírus influenza H7N3 aviário após ser divulgado que este estava presente em um criadouro na província canadense de Saskatchewan. Cerca de 600 aves morreram devido ao vírus na província.

#### Aviação II

##### Expansão do setor aéreo chinês prevê criação de 27 novas rotas em 2 anos

A Administração Geral de Aviação Civil da China (CAAC, na sigla em inglês), anunciou a inauguração de 27 novas rotas aéreas entre China, Europa e Estados Unidos até 2009. A China Eastern Airlines, China Southern Airlines, Hainan Airlines, Xangai Airlines e Air China serão as empresas que operarão os novos vôos. A CAAC aumentará em 206 vôos semanais as rotas já existentes. O investimento chinês no setor aéreo é parte das reformas previstas no décimo primeiro plano quinquenal (2006-2010), cujo objetivo é modernizar e ampliar a infra-estrutura aérea para acompanhar o crescimento econômico do país.

#### Turismo

##### Rede de hotéis Marriot expandirá sua presença na China

A Marriot International Inc., maior rede hoteleira mundial, planeja multiplicar o número de hotéis na China até 2013. Atualmente a rede possui 28 unidades hoteleiras e a meta é de que até 2010 esse número seja ampliado para 48 na China, Hong Kong e Macau. A Accor é outra cadeia hoteleira que prevê novos investimentos no país e deverá construir mais 61 hotéis até 2010 na China. Os números refletem o acelerado crescimento desse setor no país, que busca tornar-se um dos principais pólos turísticos mundiais durante e após os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

#### Corrupção

##### Primeiros réus acusados de corrupção são condenados na China

Dezoito pessoas acusadas de envolvimento no escândalo dos fundos de pensão de Xangai foram julgadas e condenadas em setembro de 2007. Este foi o primeiro julgamento de membros do governo envolvidos no caso e as sentenças proferidas incluíram prisão perpétua. O julgamento mais aguardado foi de Zhu Junyi, ex-diretor do Escritório Municipal do Trabalho e Previdência Social. Zhu Junyi administrava US\$ 4 bilhões do fundo de previdência de Xangai e foi acusado de suborno, desvio de fundos públicos e abuso de poder.

O escândalo de Xangai foi um dos maiores casos de corrupção reportados na história do país e envolveu empresários e membros do alto escalão do governo. As condenações reforçam a tentativa da China de combater a corrupção interna e, com isso, aumentar a transparência governamental.

Leia mais na  
Carta da China 31

#### Informática

### Dell muda estratégia para o mercado chinês

A Dell, segunda maior fabricante de computadores, anunciou acordo com a rede varejista Gome, uma das maiores do setor na China, para a venda de seus produtos no país. Até então, a presença da Dell na China se concentrava em vendas pelo telefone e internet, o que dificultava uma maior penetração no mercado em razão da falta de hábito dos consumidores de fazer compras pela Internet. A mudança no foco da empresa acompanha uma estratégia de maior participação no mercado de varejo em outros países, como Estados Unidos e Japão. A nova estratégia de vendas reflete a crescente importância do mercado de PCs na China, que aumenta aproximadamente 20% ao ano e já é o segundo maior mercado mundial. A chinesa Lenovo e a norte-americana Hewlett-Packard dominam o mercado de PCs na China e atuam diretamente no mercado de varejo.

#### Sistema financeiro

### NASDAQ abre escritório em Pequim

Seguindo os passos da Bolsa de Valores de Nova Iorque (NYSE, na sigla em inglês), a bolsa de valores norte-americana Nasdaq recebeu permissão da Comissão de Regulação dos Valores Mobiliários para abrir um escritório de representação na China.

Atualmente, há 49 empresas chinesas listadas na Nasdaq, sendo que 15 foram listadas nos últimos 9 meses. Com a abertura do escritório de representação na China, que permitirá prestar melhores serviços para empresas chinesas, a Nasdaq espera que a China passe a ser a maior fonte de empresas estrangeiras listadas na bolsa, superando Israel que hoje tem 70 companhias listadas.

#### Energia

### Petrochina torna-se segunda maior petrolífera após retorno à bolsa

A Comissão Reguladora da China aprovou em setembro a oferta pública inicial (IPO) pela PetroChina, maior petrolífera do país, na Bolsa de Xangai. Tal oportunidade permite que a empresa impulse sua indústria, além de ajudar a manter a estabilidade do mercado de capitais. A empresa planeja investir US\$ 917 milhões em sua propriedade em Changqin, US\$ 795 milhões em Daqing e US\$ 201 milhões em Jidong, maior poço no país. Neste último, a petrolífera anunciou que pretende aumentar a produção de 43 milhões de toneladas para 100 milhões de toneladas ao ano.

Em outubro, a PetroChina tornou-se a maior empresa em valor de mercado e a primeira a ser avaliada em mais de US\$ 1 trilhão - equivalente ao dobro da segunda maior empresa do setor, a norte-americana Exxon Mobil, estimada em US\$ 450 bilhões. Apesar de ocupar a primeira posição no *ranking*, a PetroChina não está listada entre as dez empresas mais rentáveis do mundo. No primeiro semestre de 2007, enquanto os lucros da Exxon Mobil somaram US\$ 19,5 bilhões, a PetroChina, por sua vez, lucrou a metade desse valor, US\$ 10,9 bilhões.

#### Automóveis II

### BYD produzirá carro elétrico em massa a partir de 2008

A fabricante chinesa de automóveis BYD Auto anunciou que iniciará produção em larga escala de seu novo veículo híbrido, F6, que permite aos motoristas optar entre gasolina e eletricidade. A novidade da companhia é a bateria de ferro de alta capacidade que promete conferir ao veículo alto desempenho e segurança. Carros elétricos e combustíveis alternativos têm se tornado foco de investimento na ascendente indústria automobilística no país, à medida que o aumento do número de automóveis em circulação pressiona a produção e o preço dos combustíveis convencionais, além de ser mais um fator de emissão de gases poluentes.

#### Tecnologia

### China lança sua primeira sonda lunar

A agência espacial chinesa lançou em órbita sua primeira sonda lunar não tripulada. O lançamento, efetuado com aparente sucesso no dia 24 de outubro, é mais um avanço

do programa espacial chinês, que busca alçar o país à posição de rival à altura das nações desenvolvidas na exploração do espaço sideral.

#### Educação

### China impõe lei para punir estudantes que não retornarem ao país

De forma a evitar a perda de “mentes brilhantes”, a China anunciou a criação de novas leis para punir estudantes que não retornarem ao país após encerrarem sua formação superior no exterior. Estudantes com bolsas oferecidas pelo governo deverão retornar à China para trabalhar por um mínimo de dois anos, sob risco de serem obrigados a pagar até o valor total gasto pelo governo com suas despesas no exterior.

O instituto norte-americano para educação internacional (IEI, na sigla em inglês) divulgou que, no ano acadêmico de 2003 a 2004, havia cerca de 62.000 estudantes chineses em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, praticamente 11% de todos os estudantes estrangeiros no país. Desse total, 82% são estudantes de pós-graduação. A China fica atrás apenas da Índia como o país que mais envia estudantes para os Estados Unidos. A União Européia é o destino de 120.000 estudantes chineses que desejam se especializar.

#### Carta da China

A Carta da China é publicada mensalmente pela secretaria executiva do Conselho Empresarial Brasil-China. Os artigos publicados não necessariamente refletem a opinião do CEBC nem de seus associados. A escolha de artigos analíticos, de matérias comentadas e de resumos de notícias é de responsabilidade da secretaria executiva do CEBC.

A Carta da China é distribuída a associados do Conselho Empresarial Brasil-China e a destinatários recomendados por associados.

#### Editores

Rodrigo Tavares Maciel  
Vivian Alt  
Zaira Lanna  
Estagiários: Dani Nedal e Ana Luiza do Carmo

#### Atendimento ao leitor

[cebc@cebc.org.br](mailto:cebc@cebc.org.br)

#### Edições anteriores

Disponíveis para download em [www.cebc.org.br](http://www.cebc.org.br)